Aveiro, 9 de Janeiro de 1965 • Ano XI • N.º 531

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo • Administrador — Alfredo da Costa Santos • Proprietários — David Cristo e Francisco Santos
Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua de Homem Cristo, 20 — Telefone 23886 — AVEIRO

AVEIRO TURÍSTICO

II

CONSIDERAÇÕES DE M. D.

Se Aveiro, na sua inconsciência quase geral, e no *farnietismo* que lhe é peculiar, soubesse e acreditasse na beleza que tem dentro e fora dos seus muros, que são a região toda que, geológica, física e etnològicamente, é formada por esta enorme e sublime concha cujos contrafortes são o hemicírculo montanhoso e imponente que, partindo, pelo Norte, da Gralheira e do Arestal, se morre no Caramulo e no Buçaco, e que, com o mar-oceano, a fizeram a pouco e pouco; se, cada um de nós se apercebesse do mundo que tem aos pés, e que vai deixando perder lentamente, num desprendimento que brada aos céus; se soubesse e tivesse coragem de impor-se como deve, e exprimir-se como é mister, isto para que Portugal inteiro a observasse e dela gostasse, a sentisse e amasse, até como razão de ser do seu próprio nome, como, aliás, talvez venhamos a ter ocasião de demonstrá-lo, visto que a Portucala era a maior enseada aonde podiam vir a acoitar-se, dos temporais oceânicos, os barcos fenícios, após transporem as Colunas de Hércules, até se lançarem no Atlântico, para Sul, até às Afortunadas, e, para Norte, até às Cassitérias — e ela era aqui —; se, em Aveiro, se tivesse feito ciência geológica, e não ciência de prosa romântica que se vai e se estiola, para dela só ficar o sabor poético, como aconteceu a aquelas pobres rosas de Malherbe, na «consolation à Mr. du Poirier», pela morte da filha deste; se, na generalidade, os de casa... vissem, e os de fora amassem ainda que vissem, porque ver e sentir é amar, e rios quando se ama, tudo é possível, óbvio se tornava que, com o assoreamento da Ria, estamos a tolher o futuro de Aveiro, não só no que respeita ao turismo, de que hoje tanto se fala, mas da sua vida, de toda a sua vida industrial futura, e não sei se da presente, em particular do que respeita às indústrias da pesca e da construção naval, que, já antes das obras da Barra, íamos deixando perder totalmente, visto que quase tudo esteve de pernas para o ar, e na eminência da falência, pura e simples!...

E' que a chamada Ria, para a qual a região de Aveiro não é senão o coração aonde terão de vir dar, e eles por ela se estendam, uma rede de canais que hão-

Continua na página 3

UMA LÁPIDA

Desde há uns dias, pode ver-se na capela-mor da igreja da Misericórdia, precisamente do lado da epístola, uma sóbria lápida armoriada, em mármore e bronze, que assinala a sepultura ali, em campa rasa, dos dois primeiros bispos da diocese de Aveiro.

A felicíssima iniciativa deve-se à operosa mesa recém-cessante da Santa Casa — constituída pelos srs. Eng.º Manuel Simões Pontes, Coronel Evangelista de Oliveira Barreto, Dr. António Simões de Pinho, Capitão Firmino da Silva, Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, Severim Marques e António de Almeida Modesto — que, com tal obra, culminou a longa série das muitas e úteis realizações da sua devotada, generosa e inteligente administração. E pode afoitamente dizer-se que, não obstante a imponderabilidade material do nobilíssimo empreendimento, ele constitui, a par de condigna homenagem aos venerandos antistites, meritória informação histórica para os aveirenses, que, na sua quase totalidade, ignoravam a jazida dos seus primeiros pastores diocesanos; e, ainda, lição magnífica de humildade de dois ilustres varões, que quiseram ficar inumados apagadamente na terra onde exerceram o seu tão elevado quão proficuo munes espiritual.

A justíssima consagração teve o seu acume na última terça-feira, com a missa vespertina que o ilustre e actual Bispo de Aveiro celebrou naquele belo e histórico templo. O piedoso acto, a um tempo preito e sufrágio, memorou os dois primeiros mitrados da diocese fundada e, também, o saudoso D. João Evangelista, primeiro bispo da diocese restaurada — aliás ressurgida por sua pertinácia e méritos. E' que na pretérita terça-

Continua na página 4

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

Ao fim da tarde do último domingo, procedeu-se ao acto de posse dos novos membros da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro.

A solenidade, por iniciativa do sr. Dr. Manuel Louzada, ilustre Chefe do Distrito, realizou-se no salão nobre do Governo Civil e a ela assistiu numeroso público.

O sr. Dr. Manuel Louzada, que assumiu a presidência, fez-se ladear pelos srs. Vice-presidente da Câmara Municipal, Delegado em Aveiro do I. N. T. P., Capitão do Porto, Comandantes da L. P., R. I. 10, P. S. P. e G. N. R., Director de Urbanização, Eng.º Manuel Pontes (Provedor cessante da Santa Casa), Egas Salgueiro (novo Provedor), Dr.Fernando Marques (Presidente eleito da Assembleia Geral) e Dr. Manuel Soares (Director Clínico do Hospital de Santa Joana).

O Vogal da Assembleia Geral, sr. Ulisses Rodrigues Pereira, procedeu à leitura do auto de posse.

Assinado este, usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. Dr. Fernando Marques, que, depois de cumprimentar o Chefe do Distrito, enaltecendo os seus merecimentos, e de saudá-lo pela recente passagem do segundo aniversário da sua posse no elevado cargo que devotadamente desempenha, disse que a aceitação da provedoria da Santa Casa pelo sr. Egas da Silva Salgueiro, integrado em elenco de personalidades cujas virtudes Aveiro bem conhece, garantia um exercício de administração séria e eficiente ao serviço do bem comum, particularmente no interesse dos desafortunados; a presença ali de tão numeroso e qualificado grupo de aveirenses — prosseguiu — significa plena concordância na escolha e autoriza a esperar a mais desejável colaboração de todos na ingente tarefa da

Continua na página 4

ALVES MORGADO

UMA NOVA CERTIDÃO DE IDADE PARA A TERRA

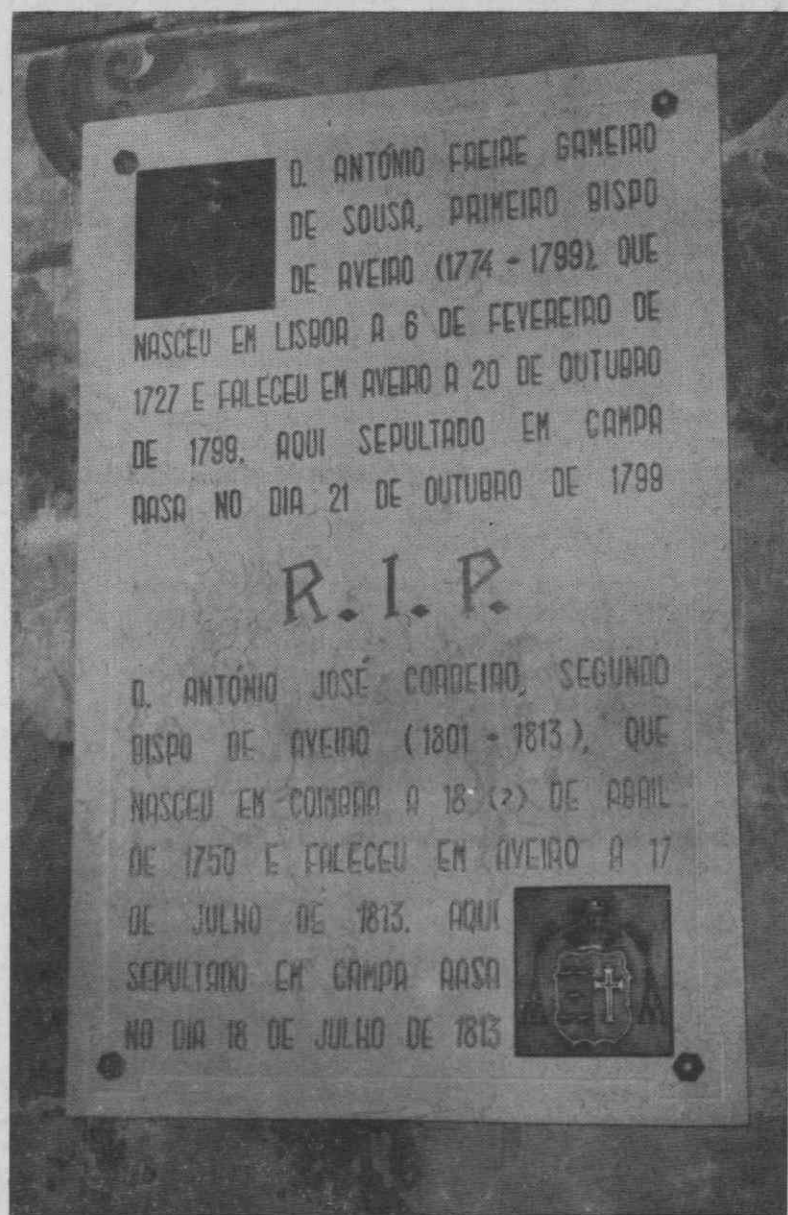
Segundo notícias de Washington, largamente difundidas pela Imprensa portuguesa, o Instituto Carnegie e a Inspecção Geológica dos Estados Unidos, a trabalhar em conjunto, descobriram, por intermédio de novas fontes de informação, que a idade da Terra deve ser de 4,7 biliões de anos. Que novas fontes de informação? Em resposta a esta pergunta, o Relatório do Instituto Carnegie revela que a nova idade atribuída à Terra se obteve «comparando a percentagem de camadas de isótopos nos materiais terrestres e nos meteóritos».

A ideia de conferir uma certidão de idade ao planeta perde-se na bruma dos séculos. Os Caldeus, pais da Astronomia, atribuíam à Terra a idade de dois milhões de anos. Os astrólogos da Babilónia não andavam muito longe desta cifra. Para Zaratrusta, a idade do planeta não ia além de 12 mil anos. Para as Tábuas Cronológicas dos Hebreus, ia pouco além de quatro mil. Lucrécio defendia a opinião de que a Terra era jovem e nascera no período heróico cantado pelos poetas. Os corifeus da metafísica hindu, que já admitiam os conceitos do Infinito e Eternidade, acreditavam numa Terra eterna. No entrechoque das duas correntes — uma que limita e outra que prolonga indefinidamente a idade do planete — não há lugar para a sentença latina: «in medio virtus».

Foi há pouco mais de um século que começaram as tentativas de conferir ao nosso planeta uma certidão de idade «científica». Para o efeito, associaram-se a geologia, a paleontologia, a física, a química, numa palavra: todas as ciências edificadas pelo engenho humano com base na própria Terra.

Há três espécies de teorias que disputam a honra de passar a certidão de idade ao Planeta: religiosas, astronómicas e geológicas. As primeiras baseiam-se na Fé. Aceitam-se ou não, mas não se discutem. As outras, aceitam-se ou não, mas discutem-se. Por mais científicas que sejam, não abandonam totalmente os domínios arenosos da especulação. Por outras palavras: nenhuma delas assenta em fundamentos suficientemente sólidos. Bem vistas as coisas, nenhuma pode, por enquanto, passar à Terra uma certidão de idade tão rigorosa como a que o Registo Civil confere a qualquer cidadão.

Em 1946, o geofísico britânico Artur Holmes atribuiu à Terra a idade de dois a três biliões de anos. O seu método baseou-se na análise isotópica de amostras de minérios filiados em idades geológicos co-

Continua na página 3

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	CENTRAL
Domingo . . .	MODERNA
2.ª feira . . .	A L A
3.ª feira . . .	M. CALADO
4.ª feira . . .	AVENIDA
5.ª feira . . .	SAÚDE
6.ª feira . . .	OUDINOT

Almoço de homenagem ao Prof. Américo Urbano

Um grupo de preparadores de espumante, a que se associaram alguns lavradores da Bairrada, promovem no dia 23 do mês corrente um almoço de homenagem ao distinto publicista Prof. Américo Urbano, pela sua denodada defesa dos interesses da Lavoura.

O almoço realizar-se-à no Grande Hotel da Curia, podendo as inscrições ser feitas, desde já, nas Caves Aliança, Caves do Barrocão, Caves Messias e no referido Hotel.

Pela Câmara Municipal

Resumo das deliberações tomadas nas reuniões de 21 e 28 de Dezembro findo:

— A Câmara deliberou adquirir uma parcela de terreno à firma Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Filhos, para a urbanização da zona a nascente do Bairro do Dr. Álvaro Sampaio.

O sr. Presidente informou a Câmara de que chegou a um acordo com os proprietários de um imóvel, sito na Rua dos Tavares, tendo sido deliberado adquiri-lo, para ser incorporado na urbanização do centro citadino.

— A Câmara deliberou felicitar o jornal «Diário de Notícias» por ocasião das comemorações do seu Centenário, pela actividade que ao longo destes cem anos tem desempenhado, em relação a todos os acontecimentos da vida nacional e pela posição que tem tomado na defesa de todos os problemas de alto interesse para o País.

— Foram lidas circulares, uma chamando a atenção dos corpos administrativos, para as disposições legais que condicionam a aquisição de materiais de fabrico estrangeiro, nomeadamente contadores eléctricos e outra sobre a adopção, nas zonas rurais, de arquitectura com carácter local.

— A Câmara deliberou alugar três salas à Escola do Magistério Primário, para instalar a Escola Masculina que tem funcionado no Asilo, em virtude de a Junta Distrital pretender ocupar, para as suas instalações, o edifício onde até agora aquela escola tem funcionado.

— A Câmara deliberou, que em virtude de não haver já covais vagos no Cemitério Sul e, portanto, não ser possível fazer-se ali mais enterramentos, durante algum tempo, os mesmos sejam feitos no Cemitério Central, a partir do 1.º Leirão, quer se trate de caixão chumbo, quer de madeira, mediante as taxas em vigor, de 200$00 e 30$00, respectivamente.

Assim, fica suspensa provisòriamente a aplicação do art.º 22.º do Regulamento dos Cemitérios que, no Central, só permite as inumações e depósitos de cadáveres encerrados em caixão de chumbo.

Todavia, não será permitida a conservação das sepulturas, com caixão de madeira, decorrido o ciclo normal de enterramento. Aquelas conservações, nos termos do art.º 85.º do Regulamento, só serão consentidas, no Cemitério Central, mediante a substituição por caixão de chumbo, decorrido o mesmo ciclo de enterramento, ou a trasladação para o Cemitério Sul, desde que nele haja vaga.

— Foram presentes várias participações da Fiscalização informando que alguns proprietários levaram a efeito diversas obras clandestinas.

A Câmara deliberou mandar notificar aqueles proprietários para legalizarem ou demolirem aquelas obras, no prazo de 30 dias.

— Foi deliberado manter a taxa de 45 %, votada por deliberação de 25 de Maio de 1964, relativa ao imposto de comércio e indústria, cobrado nos termos do § 1.º do art.º 711.º do Código Administrativo, segundo a redacção que lhe foi dada pelo Decreto-Lei n.º 45 676, de 24 de Abril último.

— A Câmara tomou conhecimento de que a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização solicitou já ao Comissariado do Desemprego o pagamento da importância de Esc.: 13 5000$00 para complemento da comparticipação que foi concedida a este Município no ano de 1964, relativa aos honorários dos técnicos ao serviço (Planos Gerais de Urbanização e Expansão).

Nova Operação «Stop»

Voltou a realizar-se, há poucos dias, sob orientação da P. S. P. de Aveiro uma nova Operação «Stop», em Aveiro, Espinho e S. João da Madeira.

Foram fiscalizados 1 837 veículos, levantando-se 25 autos de transgressão.

Actividades do C.E.T.A.

— Na próxima sexta-feira, dia 15, o C. E. T. A. (Círculo de Teatro de Aveiro) leva de novo à cena, no Teatro Aveirense a peça «O Tinteiro», de Carlos Muñis, com a qual obteve grande êxito Setembro do ano findo, nos espectáculos dirigidos por Manuel Lereno, conquistando menções honrosas na eliminatória nortenha do Concurso de Arte Dramática.

O artista aveirense (nosso apreciado colaborador) Helder Bandarra foi autor dos sugestivos cenários que servem a valiosíssima realização de Manuel Lereno, a que o aveirense Belmiro Amaral deu montagem de grande nível artístico.

O mesmo espectáculo será repetido em Coimbra, no dia 18, integrado no Festival de Teatro Amador promovido naquela cidade pelo Ateneu Comercial de Coimbra.

— No passado mês de Dezembro, realizou-se em Lisboa, no Palácio Foz, uma sessão solene para distribuição dos prémios literários e artísticos do S. N. I., referentes aos anos de 1963 e 1964.

Presidiu o sr. Almirante Américo Tomás, Presidente da República, e assistiram outras altas personalidades e figuras do maior prestígio na vida artística e literária do nosso País.

Entre os galardões entregues, foram distribuidos: ao C. E. T. A., o «Prémio Araújo Pereira»; ao encenador e director Rui Lebre e aos intérpretes José Júlio Fino e Alberto Marques Ferreira, o «Prémio Nascimento Fernandes» — tudo primeiros prémios obtidos pela apresentação da peça «Auto da Compadecida», do brasileiro Ariano Suassuna, na final de 1964 do Concurso Nacional de Arte Dramática.

Movimento da Lota

No passado mês de Dezembro, registaram-se transacções na Lota de Aveiro no valor de 2 650 433$00 — soma dos valores da pescaria das traineiras (2 319 532$00), do peixe trazido pelos arrastões do alto (293 262$00), e do peixe da Ria (37 648$00).

No aludido mês, as traineiras que mais se evidenciaram foram a «Brasília», com 5 734 cabazes de peixe vendidos por 233 224$00; a «Pedrito», com 5 600 cabazes em que se apurou 214 383$00; e a «Rui Jorge», com 3 725 cabazes, transaccionados por 146 119$00.

Vai exportar-se vinho a granel pelo Porto de Aveiro

onde se construirão cubas com a capacidade de 1 milhão de litros

Na segunda-feira passada, o nosso prezado colega «Diário de Lisboa» publicou, com certo relevo, a notícia (com o título em epígrafe) que, com a devida vénia, o Litoral abaixo regista, por dizer respeito directamente à nossa cidade:

Os novos processos de comercialização dos vinhos comuns portugueses, necessários ao incremento do seu consumo nos mercados externos, por um lado, e a saída acelerada dos excedentes acumulados nos armazéns, devido à crise de sobreprodução que se verificou nas duas últimas colheitas, baseiam-se em diversas disposições financeiras e técnicas, uma das quais será a melhoria ou adaptação da nossa rede de transportes marítimos e instalações dos portos de embarque. No primeiro caso, a existência de uma frota de pequenos navios-tanques libertava-nos de dependências e pressões que, por vezes se exercem sobre os exportadores portugueses; no segundo, permitir-nos-ia tornar mais rápidos os embarques a granel, evitando-se o sistema obsoleto das camionetas a transportar pipas até junto dos navios, que depois são esvaziadas com uma lentidão enervante.

Se não podemos ainda anunciar a construção da frota vinhateira, em compensação, todavia, é já possível saber-se do plano de obras a promover pela Junta Autónoma do Porto de Aveiro, que prevê a erecção de armazéns destinados a satisfazer as necessidades do seu desenvolvimento portuário, o qual, além de processar, em condições satisfatórias, a exportação dos produtos regionais que têm reflexos notáveis na economia nacional, encara para breve a exportação de vinho a granel, circunstância esta que obriga ao levantamento de cubas de betão armado, para uma capacidade de um milhão de litros.

550 CONTOS DE CUBAS

O custo da construção das referidas cubas importa em cerca de 550 contos, estando autorizada, por diploma legal, a Junta Autónoma do Porto de Aveiro a concretizar uma operação financeira (até esse montante), sem quaisquer encargos para o Estado ou para o mesmo departamento portuário, com a Sociedade Cave Solar das Francesas.

Tal iniciativa valoriza não só a utilização comercial daquele porto da Beira Litoral, cujas obras de acesso da barra e de correcção das margens foram decisivas para a expansão que se anuncia, mas também a vitivinicultura portuguesa, necessitada de amparo e compreensão, a fim de oferecer todo o potencial de que é capaz, em favor do progresso das estruturas sócio-económicas nacionais. É de desejar que outros portos, e em especial o de Lisboa, possam ser dotados de dispositivos rápidos e eficientes que possibilitem o embarque racional de vinhos a granel, não sendo também de rejeitar a ideia de concentrar no promissor porto de Aveiro toda esta importante actividade.

Declaração

Para todos os efeitos legais, nomeadamente para os consignados nos n.os 2 e 3 do artigo 263 do C. P. C., Avelino Ferreira Barbosa e mulher Encarnação Martins Barbosa, padeiros, a residirem na Rua de S. Salvador, n.º 3 em Coimbra, declaram que por notificação avulsa de onze de Dezembro de mil novecentos e sessenta e quatro foi revogada a procuração que os mesmos haviam passado a João Francisco Carlos, também conhecido por João Melícias, comerciante, do lugar e freguesia de Eixo, procuração esta que continha os mais amplos poderes, nomeadamente os da venda de propriedades pertencentes àquelas mandantes.

Os declarantes:

Avelino Ferreira Barbosa

Encarnação Martins Barbosa

(Segue-se o reconhecimento)

A Festa de S. Gonçalinho

Hoje, amanhã e segunda-feira, estará em festa o típico bairro da Beira-Mar, com a realização dos tradicionais festejos em honra de S. Gonçalinho, cujo programa ficou assim elaborado:

HOJE, 9 — *Alvorada com descarga de vinte e um tiros anunciando o começo dos festejos.*

A partir das 9 horas, afamados grupos de Zés P'reiras percorrerão as ruas da cidade.

AMANHÃ, 10 — *Alvorada, com descarga de vinte e um tiros.*

Às 11 horas — *Missa solene, acompanhada pela orquestra da Banda Amizade.*

Às 13 horas — *Saída do Cortejo de Oferendas da capela da Senhora das Febres, percorrendo as ruas do Bairro Piscatório até à Capelinha de S. Gonçalinho, onde se procederá à arrematação das oferendas.*

Às 15 horas — *Concerto pela Banda Amizade.*

Às 16 horas — *Sermão por conceituado prègador e ladainha cantada pelo pároco da freguesia, acompanhada por orquestra.*

Tradicional lançamento de cavacas.

Às 21 horas — *Início do Arraial Nocturno. Concerto pelas bandas da Branca e Amizade. Sessões de fogo de artifício.*

SEGUNDA-FEIRA, 11 — *Continuação dos festejos, com gaiteiros, lançamento de cavacas, exibição de um «terno» da Banda Amizade, finalizando com a tradicional entrega do ramo aos novos mordomos, e sessão de fogo.*

Cortejo de «Pastorinhas» em S. Bernardo

Realiza-se amanhã, com início às 14 horas, um cortejo de «pastorinhas» em S. Bernardo, revertendo o respectivo produto em favor das obras da nova igreja daquela freguesia da nossa cidade.

O leilão das ofertas efectua-se, pelas 15 horas, junto da igreja de S. Bernardo.

Quem perdeu?

No período de 10 a 31 de Dezembro, foram encontrados na via pública e entregues na Secretaria do Comando da P. S. S. de Aveiro os seguintes objectos e valores, que ali se entregam a quem provar que os mesmos lhe pertencem:

um par de luvas de homem; uma bata de criança; uma braçadeira de ferro; um dispositivo de pré-sinalização; uma chave; uns óculos graduados; um rosário; um compasso de desenho; um atestado de fiscalização sanitária anual e um selo fiscal; embalagem de medicamentos; uma camisola; um anel; uma luva de cabedal, para senhora; e três selos fiscais.

Agradecimento

da família de Albino de Almeida

Sua esposa, filhas e genros, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se incorporaram no funeral do saudoso extinto, ou que, por qualquer forma, os acompanharam na sua dor.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 9 — O sr. Manuel Álvaro de Almeida d'Eça Soares; e o menino Manuel Jubero Belo Cardoso, filho do sr. Antero Pires Cardoso.

Amanhã, 10 — As sr.as D. Maria Isabel Boia Ramos, esposa do sr. Aníbal Ramos, D. Ângela Moreira da Maia, esposa do sr. Francisco Nunes da Maia Júnior, e D. Maria Augusta de Oliveira, esposa do sr. Manuel Agostinho da Silva; os srs. José dos Santos Piçarra e Abel Ferreira da Encarnação Durão; e o menino Miguel Filipe Afreixo Ferreira, filho do sr. Rodrigo dos Santos Ferreira.

Em 11 — As sr.as D. Elvira Andrade de Carvalho, viúva do saudoso Arnaldo Soares de Sousa, e D. Maria de Lourdes Morais Domingues.

Em 12 — A sr.a D. Olga da Silva Conde Moreira Gonzalez; o Rev.º Padre José Maria Carlos; os srs. Tenente-coronel José Alves Moreira, Eng.º Alberto Branco Lopes, e João Rodrigues Marques Paulino, residente em Lourenço Marques; e o menino Luís Filipe Soares Nordeste, filho do sr. Manuel Ricardo da Cruz Nordeste.

Em 13 — As sr.as D. Maria Fernanda Pinto Madail Boia, esposa do sr. Eng.º Carlos Lourenço Boia, D. Florinda Teixeira de Oliveira Romão, esposa do sr. Porfírio de Maia Romão, e D. América da Costa Forte, esposa do sr. António Nunes Forte, residentes em Lourenço Marques; e a menina Maria Eugénia Ferreira Pinho das Neves, filha do sr. Capitão Joaquim Pinho das Neves.

Em 14 — A sr.a D. Maria do Amparo Gamelas da Costa; e o sr. Jorge de Oliveira Lopes Biscaia.

Em 15 — A sr.a D. Maria Leocádia de Magalhães Lima Mascarenhas, viúva do saudoso Desembargador Dr. Evaristo Mascarenhas; e o sr. Manuel Maria da Maia.

PEDIDO DE CASAMENTO

Pelo sr. Isaías Dias Limas, foi pedida em casamento, para seu filho, sr. José António Mendes Limas, a menina Maria Helena Jesus da Cunha, filha da sr.a D. Maria das Dores e do sr. António Cunha.

O enlace realiza-se brevemente.

CASAMENTO

Em 27 de Dezembro passado, realizou-se, na igreja paroquial de Ílhavo, o casamento da sr.a D. Maria Esperança Augusta Cardoso Mendes, filha da sr.a D. Hortênsia Augusta Mendes e do sr. Afonso Cardoso Mendes, com o sr. Aníbal Pereira Ferreira de Amaral, empregado em «A Lusitânia», filho da sr.a D. Maria Celeste Pereira e do sr. Augusto Lucindo Ferreira Amaral.

Serviram de padrinhos a sr.a D. Virgínia Ferreira Amaral e o sr. Idalino Cardoso Mendes.

Ao novo lar desejamos as melhores venturas.

AVEIRO TURÍSTICO

Continuação da primeira página

-de para ali rumar os produtos do seu **interland** — ou, melhor, o *interland* da Barra, ou do porto — e que hoje para aí se desenham, naturalmente, e como a demonstrar-nos que o Vouga, se os talhou, no seu antigo delta, lá tinha as suas razões, que os homens, cegos de todo, não querem, ou, melhor, não têm querido nunca ver, através dos tempos!

A ponta do véu, digamos geológico, que hoje aqui levanto, e muitíssimo mais que poderá, um dia, vir a seguir-se-lhe, é que foram a causa de eu me sorrir, sempre que aí surgiam hipóteses, mais ou menos fantasiosas, sobre Aveiro, e fantasias, mais ou menos poéticas, que se escreviam, muito embora, diga-se em boa verdade, eu não deixe de reconhecer que procurava adivinhar-se o passado ou estudar-se o presente de uma região tão previlegiada que, pode dizer-se, é diferente, quase de metro a metro.

Aveiro turístico é, na realidade, uma coisa incomparável, como já dissemos, e continuaremos a dizer — e nem disso nos cansaremos nunca — rara joia só compreendida de quem a vê em espírito mais do que com os olhos da cara, que esses até os brutos têm. Ela é a prima dona de Portugal, até, por sinal, trazendo ao peito o seu tão português cordão de oiro, constituído por dois rios que, prolongando-se, formam o enorme medalhão que é a Ria, onde cada litro de água é uma mão cheia de sal, cada monte de sal é uma vida inteira, cada um dos seus meandros é a vida de uma família de pescadores, cada margem um carro de algas e estas um punhado de iodo, magnésia, cloro, etc., cada uma das suas praias uma estância de repouso e poesia incomparáveis, cada canal uma série de viveiros e cada viveiro um mundo, nos seus fenómenos físicos e químicos, cada preamar uma esperança e cada baixa-mar uma desolação, cada coroa do seu fundo às vezes o fautor de um monumento de nevoeiro e sonho que logo se estende e tudo cobre, cada chap-chap das ondas, ali na meia laranja, é um poema, cada barco moliceiro uma esperança e uma saudade, cada bateira uma estância e cada bote uma quadra dolorosa e uma Avé Maria, rezada baixinho, lá mais ao Norte, aonde há que ir ganhar a vida, à cata do fiel amigo, cada refrigência uma pintura, cada paisagem uma tela de magia, e até cada metro de água um soneto, dos mais ternos e amorosos que imaginar se possa!...

Mas Aveiro turístico não pode matar, nem mesmo apoucar e menos ainda atrofiar a sua vida industrial, presente e futura, diga-se o que se disser, taça-se o que se fizer, que qualquer passo em falso, nesse sentido, pode pôr tudo a perder, tanta importância tem tudo, em tudo!

E aqui fica, se não clara, pelo menos implìcitamente, a justificação de quanto aqu tenho dito, e talvez venha a continuar a dizer, a propósito do que se tem dito e escrito sobre a região turística de Aveiro, que, se, para mim, é o que há de mais belo que conheço — e hão de fazer-me a justiça de que eu sempre conheço mais que a maior parte — também é do que há de mais rico, de mais industrializável, quer se tome como ponto de partida o que se vê, quer se olhe e especule o sub-solo, que conta tanto ou mais que o primeiro.

E já basta... por agora!

M. D.

Uma nova certidão de idade para a terra

Continuação da primeira página

nhecidas por outros processos. Mais tarde, o mesmo cientista aumentou aquele valor para três biliões e duzentos e cinquenta milhões de anos. O Instituto Carnegie vai mais longe. Mas nada nos garante que ele tenha dito a última palavra.

Alves Morgado

Câmara Municipal de Aveiro

Convocatória

Nos termos do disposto no artigo 30.º do Código Administrativo e para os fins consignados no n.º 10.º do artigo 27.º da mesma Lei, convoco o Conselho Municipal para a sessão extraordinária a realizar no próximo dia 12 do corrente, pelas 14 horas e trinta minutos, a fim de:

Discutir e votar o Plano Director da Cidade de Aveiro.

Paços do Concelho de Aveiro, 5 de Janeiro de 1965

O Presidente da Câmara,
Henrique de Mascarenhas
Eng.º Agr.º

UMA LÁPIDA

Continuação da primeira página

-feira, rigorosamente, se completavam sete anos sobre o dia do passamento do inesquecível aveirense.

O sr. D. Manuel de Almeida Trindade, em palavras daquele seu peculiar aticismo, que mal conseguimos registar e adiante tão mal resumimos, sublinhou o significado da comemoração. *Estou* — disse — *rodeado dos mesários cessantes da Santa Casa da Misericórdia e dos que lhe sucederam agora no mandato. Talvez, entre os presentes, haja alguém que conheça a Roma das catacumbas — esses subterrâneos que serviram simultâneamente para sepultar os primeiros cristãos, entre eles tantos mártires, e para o exercício do culto. Por estranho que pareça, a Idade Média não viu esses lugares, obstruídos como ficaram de entulhos na negligência dos séculos. Só na passada centúria, o famoso arqueólogo De Rossi, sabendo, pela História, da existência daquelas venerandas galerias, promoveu trabalhos que as trouxeram aos nossos olhos. E, no seu exaustivo labor, descobriu a chamada «Capela dos Papas», na Catacumba de S. Calisto. Logo correu ao pontífice então reinante, Pio IX, e ambos desceram àqueles sagrados sítios. Lá viram, entre outros, os epitáfos de Evaristo e de Ponciano. E o papa, chorando, exclamou: «São então estes os túmulos dos meus antecessores?»*

Sentimento paralelo me tomou — prosseguiu — *quando aqui vim no último dia do mês findo: experimentei forte comoção, como se houvesse descoberto a ignorada sepultura de meus pais.*

A seguir, o ilustre prelado evocou a memória dos seus antecessores, relevando a feliz ideia da mesa cessante da Santa Casa, que assim estabeleceu um lugar, de segura certeza, para merecidas romagens à sepultura dos dois primeiros bispos de Aveiro.

Em magnífica síntese, o sr. D. Manuel recordou que aquela era a terceira vez que se encontrava na igreja da Misericórdia: a primeira, quando da sua solene entrada na diocese; a segunda, quando ali foi colocada aquela lápida, que ficará ali a lembrar os nomes, a todos os títulos respeitáveis, de D. António Freire Gameiro de Sousa e de D. António José Cordeiro; e, agora, para sufragar as suas almas e homenagear a sua memória, e também para homenagear a memória e sufragar a alma do primeiro bispo da diocese restaurada, que, precisamente há sete anos, dera a alma ao Senhor.

E' junto do altar desta igreja da Misericórdia — continuou — *que me encontro com os homens da Santa Casa, uns que cumpriram já o seu mandato de caridade, outros que vão prosseguir nos mesmos salutares caminhos. E a Caridade é, afinal, a virtude basilar, não só da benemerente instituição, mas da própria doutrina cristã. Assim o disse S. Paulo, na sua primeira epístola aos Coríntios, cujo substancioso e edificante texto — que é a carta magna daquela máxima virtude — julgo oportuno repetir-vos neste momento.*

E o sr. Bispo de Aveiro, depois da leitura da página eloquentíssima de Paulo de Tarso, concluiu:

Neste dia — que é, a um tempo, festivo e lutuoso — aqui estou, junto das duas mesas da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, e inspirado na memória tutelar dos bispos aveirenses que já cumpriram a sua apostólica missão, a sublinhar a palavra do Apóstolo: a Caridade é, entre as virtudes, o mais sólido alicerce de toda a Virtude.

Santa Casa da Misericórdia

Continuação da primeira página

nova Mesa Administrativa. Enalteceu, na pessoa do sr. Eng.º Manuel Pontes, o trabalho abnegado e inteligente, de tão frutuosos resultados, realizado pela Mesa cessante. E concluiu por uma eloquente análise da mística que acalenta as Misericórdias, formulando votos «por que aquele acto marcasse efectivamente o início da grande caminhada no sentido de que não haja na nossa terra de Aveiro boca com fome, chaga sem bálsamo, invalidez sem amparo, lar sem lume e dor sem lenitivo».

Depois, em nome dos farmacêuticos e proprietários de Farmácia, o sr. José da Purificação Morais Calado proferiu o seguinte discurso:

Ex.mo Senhor Governador Civil; Ex.ma Mesa da Santa Casa da Misericórdia; Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Quis V. Ex.ª, Senhor Governador, distinguir alguns proprietários de Farmácia, desta cidade, convidando-os a assistir ao acto que acaba de se realizar.

Este convite sensibilizou sobremaneira os proprietários que o receberam, pela honra que lhes foi dispensada. É em nome de todos nós que me congratulo em dirigir a V. Ex.ª os nossos sinceros agradecimentos e afirmar-lhe os nossos respeitos pela elevada consideração que a todos merece. É que uma gentileza tão significativa como esta, neste momento, atrai simpatias, capta amizades e fomenta confiança.

O gesto de V. Ex.ª sensibilizou-nos, é certo, mas não nos surpreendeu, principalmente a mim, que já tive a honra de contactar com V. Ex.ª, por mais de uma vez, e para assuntos diferentes, tendo tido, então, oportunidade de conhecer e apreciar o fino trato de V. Ex.ª, que tanto faz realçar as prestimosas qualidades que o distinguem e que justificam largamente a razão de eu poder afirmar que o convite assinado por V. Ex.ª em nada nos surpreendeu.

Aos ilustres membros de que se compõe a atual Mesa, que a partir deste momento vão sentir a pesada tarefa de conduzir os destinos da Santa Casa da Misericórdia, pelas dificuldades de administrar a sua debilitada situação económica, também desejamos endereçar-lhes os nossos cumprimentos, acompanhados de votos sinceros por que a sua permanência administrativa seja tão demorada quão necessária, pelo menos, para debelar a difícil situação em que se encontra.

O nome do ilustre Provedor que acaba de aceitar o encargo de administrar tão difícil trabalho não precisa de aval para nos dar a certeza da grande obra que vai realizar.

O sr. Egas Salgueiro é aquela pessoa generosa e séria que todos nós conhecemos e que Aveiro sabe distinguir como homem de talento, dinâmico, filantropo e honrado!

O seu temperamento não lhe consente deslizes, porque os seus actos são comandados pelo seu carácter. Isso nos convence de que a sua obra vai merecer o respeito e o apoio de todas as pessoas que dentro dos seus corações sentem palpitar o sentimento do Bem e do Amor pela nossa Terra.

É, pois, em nome dos meus colegas, proprietários e farmacêuticos, que saúdo os ilustres Membros da Mesa Administrativa e felicito a V. Ex.ª, Senhor Governador, pela satisfação que o pode acompanhar de ter atraído ao seu convívio administrativo pessoas tão respeitáveis que se juntaram para colaborar numa obra que, além do sentido administrativo de que a mesma necessita para seu engrandecimento, precisa de nutrir respeito pelos interesses alheios e derramar paz e amor pelo semelhante que vive do seu trabalho probo e honesto.

O sr. Eng.º Manuel Simões Pontes, que se seguiu no uso da palavra, historiou largamente a gerência da Mesa Administrativa que actuou sob a sua orientação, expôs as dificuldades que se venceram, as soluções que se adoptaram, enumerou carências ainda a satisfazer, citou cifras, sublinhou expressivamente o escopo cristão das misericórdias.

Se dúvidas houvesse sobre o meritório e tão silencioso trabalho da Mesa cessante, as palavras, muito objectivas, do sr. Eng.º Pontes deram ao auditório a certeza de quanto Aveiro fica a dever-lhe, tanto como aos restantes membros da Mesa a que presidiu, pela excelência dos resultados conseguidos e pelo exaustivo, firme e inteligente esforço tão desinteressadamente dispendido.

Às palavras do sr. Eng.º Pontes, tão claras como serenas, despretenciosas e informadas por inteireza e verdade raras, norteadas por não menos raro espírito de justiça, seguiu-se o discurso do novo Provedor, sr. Egas da Silva Salgueiro, que, a seguir, damos na íntegra:

Excelentíssimo Senhor Governador Civil; Excelentíssimas Autoridades Religiosas, Civis e Militares; Excelentíssimo Corpo Clínico do Hospital da Misericórdia; Excelentíssimos representantes da Imprensa; Meus Senhores:

Entendeu Vossa Excelência, Senhor Governador Civil, que a posse da Mesa Administrativa da Misericórdia se fizesse no Governo Civil, para que este acto se revestisse de maior solenidade, demonstrando assim uma completa concordância com a eleição realizada, e apoio, que representa também o do Governo, através do seu mais alto representante neste Distrito, pelo que, muito gratos por esta grande prova de consideração, apresentamos a Vossa Excelência os nossos melhores agradecimentos.

Não ignoramos a grande responsabilidade que acaba de nos ser confiada, as canseiras e aborrecimentos que vamos ter, as críticas nada construtivas que vão aparecer, mas podemos assegurar a Vossa Excelência que daremos todo o nosso esforço, toda a nossa boa vontade em prol da defesa dos interesses da Santa Casa da Misericórdia, que são os interesses da cidade e do concelho e ainda de todos aqueles que procuram acolher-se à caridade do seu Hospital.

Teve Vossa Excelência, Senhor Governador Civil, palavras amáveis, muito desvanecedoras, para os componentes da Mesa Administrativa, que, exceptuando quatro membros, dois já falecidos e mais dois que mudaram de residência, são os mesmos que, em 13 de Novembro de 1954, foram exonerados por despacho de Sua Excelência o então Subsecretário da Assistência, despacho que também anulou a respectiva eleição efectuada dois anos antes.

Não foi a exoneração que molestou os componentes da Mesa, tanto mais que são lugares gratuitos, sem outra remuneração que não seja a satisfação íntima que se sente quando damos o nosso trabalho para bem da Humanidade. O que doeu foram as declarações à Imprensa, feitas neste mesmo edifício, talvez nesta mesma sala, e reproduzidas tanto na Imprensa Diária como na Imprensa Local, a seguir a essa exoneração, que, pela forma como foram prestadas, poderiam dar a entender que a Mesa exonerada não tinha sabido zelar os interesses da Misericórdia, tendo ainda muitos entendido que de tais declarações se poderia admitir pouco escrúpulo na respectiva administração.

Tentaram os exonerados fazer publicar na Imprensa Local, para depois ser reproduzido na Imprensa Diária, um comunicado no qual se faziam esclarecimentos às declarações efectuadas, mas, pela Delegação dos Serviços de Censura, foi negada tal publicação e, assim, infelizmente, não foi permitido aos exonerados o direito a

TURISMO UNIVERSITÁRIO

Regressou de Viena de Áustria o delegado português à XV Conferência Internacional do Turismo Universitário na qual Portugal foi representado pela Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico.

Um dos factos salientes na conferência foi o extraordinário interesse manifestado pelas organizações estrangeiras aí presentes por Portugal, interesse que resulta das constantes solicitações que lhes são dirigidas pelos universitários dos respectivos países.

Consciente da responsabilidade que neste campo lhe cabe a A. E. I. S. T. sugeriu que, a exemplo do que se fez com assinalado êxito noutros países, fosse facilitada a vinda desses universitários a Portugal alojando-os em casa de famílias portuguesas.

Claro que o universitário estrangeiro que nos visite nada pagará por este alojamento, deverá sim ocupar parte do dia em tarefas de utilidade para a família e de acordo com a sua condição — ensino da sua língua, «baby-setter», etc, etc..

Rigorosas referências terão de ser fornecidas pelas famílias que desejem receber os estudantes estrangeiros.

Este programa foi recentemente exposto ao Digníssimo Reitor da Universidade Técnica de Lisboa que manifestou a sua concordância.

Todas as famílias que estejam interessadas neste intercâmbio deverão dirigir-se por correio o mais brevemente possível para a Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico — Departamento de Turismo — Av. de Rovisco Pais — Lisboa-1.

Prevenção de Acidentes

É' preciso dar o exemplo!

É preciso termos em consideração, além da nossa, a segurança dos nossos colegas de trabalho.

É natural que tratemos de nos prevenir contra os possíveis acidentes, mas também devemos procurar proteger os colegas que estão expostos ao acidente, tanto no trabalho como fora dele.

Enquanto trabalhamos precisamos velar pela segurança dos nossos colegas, ensinando-os e ajudando-os a conhecer os riscos que comporta a falta de segurança. Infelizmente, são muitos os trabalhadores que não reparam no que lhes pode acontecer quando desprezam a prevenção.

Dar o exemplo é tanto ou mais importante do que os conselhos ou a ajuda que possamos dar àqueles que trabalham connosco, pois se eles virem que não seguimos as normas de segurança, muito menos as seguirão eles próprios.

Fora do trabalho também é preciso dar o exemplo, e compete aos encarregados mostrar que são cuidadosos na condução dum automóvel, ao atravessar uma rua e até mesmo em casa ou em qualquer outro lugar. Procedendo assim, conseguir-se-á baixar o número de acidentes e por conseguinte o sofrimento que eles acarretam ao trabalhador. Se cuidarmos da nossa segurança e da do próximo, tanto no trabalho como fora dele, alcançaremos o bem-estar que todos desejamos.

Ajudemos, portanto, os nossos colegas de trabalho, os nossos amigos, os nossos familiares, a terem em consideração as regras de segurança em todos os seus actos — e isto rendundará num grande benefício, tanto pessoal como social.

uma defesa, a que todos os réus têm jus.

Sem ter a pretensão de querer reacender incidentes, desejo, porém, aproveitar esta oportunidade para informar as pessoas imparciais, até mesmo as que concordaram com a exoneração, do teor da parte final desse comunicado, que dizia o seguinte:

«O Senhor Governador Civil — de então —, nas suas declarações à Imprensa, em Novembro de 1954, disse ainda: «Suponho indispensável fazer estudo profundo da vida da Instituição, no aspecto económico-administrativo, bem como das causas que determinaram déficit tão avultado nos últimos meses».

Estas afirmações têm sido interpretadas por muitos como querendo significar não apenas incompetência e falta de zelo administrativo, mas também desonestidade dos componentes da Mesa agora afastados. Supõe-se que outra seria a intenção do Senhor Governador Civil — de então — ao mandar colher, no dia 19 de Novembro de 1954, elementos que até ali não pediu nem o interessaram, e ao fazer, três dias depois, as suas erradas declarações.

Seja como for, os signatários manifestam o ardentíssimo desejo de que, com a maior urgência e o mais absoluto rigor,

a) — Se proceda ao estudo que o Senhor Governador Civil — de então — disse supor indispensável e que, por virtude das suas afirmações, se tornou imprescindível;

b) — Se apurem os montantes exactos dos *«déficits» a que o Senhor Governador se referiu;*

c) — Se publiquem tão depressa quanto possível, *os resultados de tais estudos, apuramentos e averiguações.*

Sugere-se ainda a conveniência de apurar e publicar:

a) — Pelo que respeita ao activo: *a quem cabe a responsabilidade de não se haver realizado qualquer cortejo de oferendas depois de 1950, e designadamente em 1954, e a quem cabe a* responsabilidade da *falta de subsídios extraordinários;*

b) — Pelo que respeita ao passivo: qual o montante das verbas dispendidas em aquisições de utilidade permanente, *incluindo as despezas de conservação e aproveitamento de material.*

Afirmou o Senhor Governador Civil — de então —, e é verdade, que a Santa Casa da Misericórdia «tem de se manter acima dos homens e das questões que os dividem».

Os signatários, convencidos de que não havia razões morais nem jurídicas que justificassem a declaração da nulidade e do nenhum efeito da eleição efectuada em 6 de Dezembro de 1952, deliberaram, por unanimidade, recorrer do despacho de Sua Excelência o Subsecretário de Estado da Assistência Social, de 13 de Novembro de 1954.

Havendo-se imposto limitar esta resposta necessária à indicação de factos concretos, sem uma só palavra de apreciação, propõem-se demonstrar através do recurso, quem, porquê e como colocou os homens e os seus interesses ilegítimos acima da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro e dos seus interesses legítimos.

Queira Vossa Excelência, Senhor Director, aceitar os nossos cumprimentos.

Aveiro, 29 de Novembro de 1954.

aa) — Egas da Silva Salgueiro; Manuel M. Rodrigues Valente; Carlos Grangeon Ribeiro Lopes; Carlos de Pinho das Neves Aleluia; Alfredo Esteves; Gumerzindo da Silva; Domingos Vicente Ferreira; Domingos Ferreira da Maia; Amadeu Ala dos Reis; Ricardo Pereira Campos Júnior».

Senhor Governador Civil e Meus Senhores:

A anulação da eleição e exoneração efectuadas sem razões plausíveis, levaram os exonerados a recorrer para o Supremo Tribunal Administrativo, tendo obtido desse Venerando Tribunal e do seu Pleno, acórdãos dando inteira e completa satisfação ao recurso apresentado, e cujas sentenças inteiramente favoráveis à Mesa exonerada foram publicadas no Diário do Governo.

Publicados no Diário do Governo *os dois acórdãos do Supremo Tribunal Administrativo, mantendo a eleição realizada, sentiram os membros da Mesa exonerada que os dois jornais locais não tivessem publicado, pelo menos as suas conclusões, como notícia de interesse local e comprovativa do desmando cometido.*

Os exonerados não foram então reintegrados, conforme conclusão das sentenças, porquanto quando foram publicadas já tinha passado o período do seu mandato.

Mas as verdadeiras razões da exoneração da Mesa Administrativa basearam-se, não na ilegalidade da eleição, que o Supremo Tribunal Administrativo manteve, mas ùnicamente num critério que sobre os serviços clínicos hospitalares a Mesa Administrativa exonerada defendia, e de que discordou o então Governador Civil, se bem que, antes da sua posse, as entidades superiores sempre tivessem dado o seu inteiro acordo às intenções da Mesa.

Senhor Governador Civil e Meus Senhores:

Não temos novo programa a apresentar, porque se mantém o mesmo espírito e as mesmas intenções que tínhamos quando fomos exonerados: defender os interesses da Misericórdia e dos que à Misericórdia se acolhem, sem esquecer os direitos, mas também os deveres dos que no Hospital trabalham.

Procurar-se-á também administrar de forma a existir o menor desiquilíbrio financeiro, embora os Hospitais das Misericórdias, instituições beneméritas e de interesse público fundadas pela excelsa e nunca esquecida Rainha D. Leonor, devam ter sempre abertas as suas portas a todos aqueles que recorram à sua generosa caridade.

Como se poderão, pois, equilibrar as receitas com as despezas, sem cercear o fim generoso das Misericórdias, que se sustentam de esmolas, subscrições, de subsídios oficiais, da generosidade pública, vivendo sempre e permanentemente em regimen deficitário?

Não temos a pretensão de fazer milagres, mas o que pudermos fazer de útil na nossa Administração sòmente será possível com a preciosa ajuda de Vossa Excelência, Senhor Governador Civil, da Câmara Municipal e Juntas de Freguesia e de toda a população do Concelho de Aveiro, sempre generosa a dar, e só confiados nesta ajuda aceitamos esta difícil e delicada missão.

Uma referência há que fazer à situação das actuais instalações hospitalares: transferidas há poucos anos para um pavilhão construído expressamente para doenças infecto-contagiosas, não estão apropriadas às condições que são necessárias para um Hospital que tem de receber doentes cujos tratamentos se afastam muito dos daquelas doenças, e que além disso, estando classificado como Hospital Regional, tem de ter instalações adequadas para receber e tratar doentes que, vindos duma extensa zona, abarcam um grande número de especialidades.

E não posso deixar de referir uma situação que, dum momento para o outro, se pode tornar muito grave: esse pavilhão não pertence inteiramente à Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, apesar de para a sua construção ter concorrido com dinheiro e terreno, pois nele também tem parte a Assistência Nacional aos Tuberculosos que, para a sua construção concorreu com um importante subsídio, e que em qualquer momento pode requerer a entrega desse pavilhão, ou do subsídio que concedeu, pois soube-se que a respectiva Direcção em conversações particulares já tem manifestado esse propósito.

Urge pois fazer-se a construção dum novo Bloco Hospitalar, que dignifique, não só a sua classificação de Hospital Regional, como também a nossa própria cidade de Aveiro, que é merecedora de ter uma instalação hospitalar à altura do seu valor de cidade progressiva, com um surto de desenvolvimento e crescimento populacional de tal ordem, que o Governo da Nação promoveu há dias o concelho de Aveiro a Urbano de 1.ª Classe, conferindo-lhe assim certas regalias.

Excelentíssimo Senhor Governador Civil:

A Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia toma a liberdade de, neste solene momento, solicitar de Vossa Excelência uma intervenção oficiosa junto de Sua Excelência o Ministro da Saúde e Assistência para que se faça a construção de um novo Bloco Hospitalar.

E para as diligências que tiver de efectuar junto de Sua Excelência o Ministro da Saúde e Assistência, poderá Vossa Excelência contar com o apoio incondicional da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia; e estou certo tmbém de que as forças vivas do concelho e cidade, juntamente com toda a sua população, não deixarão também de dar a Vossa Excelência uma inteira e completa solidariedade.

Apresento a Vossa Excelência, Senhor Governador Civil, os cumprimentos muito sinceros dos Membros da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia, e renovo os nossos melhores agradecimentos por todas as provas de consideração que tem demonstrado com o propósito de nos ser dada a satisfação moral e pública de uma reabilitação pela nossa exoneração de 1954.

E, a todas as pessoas que honraram com a sua presença este acto de posse, nos confessamos gratos e apresentamos também os nossos melhores cumprimentos.

Para a Imprensa vão também as nossas melhores saudações, saudações muito amigas e muito sinceras, e permitam-me especializar os três jornais locais, de quem esperamos, não só uma colaboração útil, mas também as críticas construtivas, sempre que lhes sejam oportunas.

Num feliz e equilibrado improviso, o Chefe do Distrito encerrou a sessão. Justificou a circunstância de ter diligenciado para que aquele acto solene ali se efectuasse, agradecendo as palavras de merecido encómio que lhe foram dirigidas por todos os oradores precedentes, exaltou o merecimento da obra realizada pela Mesa cessante, disse da confiança que lhe mereciam as personalidades que integram a nova Mesa, cujos créditos lhe foram ditados pelo próprio pensamento e pelas opiniões que lhe haviam transmitido homens de bem desta terra.

Fez a exegése pormenorizada das Misericórdias e da sua transcendente missão e ofereceu à nova gerência os mesmos préstimos que desde sempre dispensou à benemerente instituição, prometendo os melhores e mais esperançados esforços para que o Hospital Regional de Santa Joana veja, tão ràpidamente quanto possível, concretizadas todas as suas legítimas aspirações.

Cartaz de Espectáculos

Teatro Aveirense

Ver anúncio em separado

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 9 — às 21.30 horas — 12 anos.

Cartouche — com Claudia Cardinale e Jean-Paul Belmondo.

Domingo, 10 — às 15.30 e às 21.30, Segunda-feira, 11 e Terça-feira, 12 — às 21.30 horas — 17 anos.

Cleópatra — com Elizabeth Taylor e Richard Burton.

Quinta-feira, 14 — às 21.30 horas — 17 anos.

Os Olhos Mortos de Londres — com Karin Baal e Dieter Borsche.

Teatro-Cine Triunfo

Gafanha da Cale da Vila

Sábado, 9 — às 21 e Domingo, 10 — às 15 e 21 horas — 12 anos.

O grandioso filme italiano com Stewart Granger e Rossana Podesta — **Sodoma e Gomorra**.

Atlântico-Cine-Teatro

ÍLHAVO

Sábado, 9 — às 21 e Domingo, 10 — às 15 e às 21 horas — 12 anos.

O maior espectáculo do ano — **Os Vitoriosos**.

No Salão Cinema — **Baile**, abrilhantado pelo conjunto — Vista Alegre Jazz.

SIBAVE - Sociedade Industrial de Barro Vermelho, Limitada

Certifico que, por escritura de 7 de Dezembro de 1964, lavrada de folhas 14 v.º a fl. 21 v.º do livro A-17 de escrituras diversas, do Cartório Notarial da Murtosa, a cargo da notária licenciada Judite das Neves Rodrigues, foi construída entre Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos; Cerâmica Aveirense, Limitada; Empresa Cerâmica Vouga, Limitada; Cerâmica de Vagos, Limitada; Cerâmica do Passadouro, Limitada; Cerâmica de Bustos, Limitada; Empresa Cerâmica de Recardães, Limitada; Cerâmica Primor, Limitada; Joaquim Santiago e Castro, Sucessores, Limitada; Abrantes & Oliveira, Limitada; Beira Ria, Limitada; A Tijoleira Central de Estarreja, Limitada; Sociedade Cerâmica do Alto, Limitada; Dr. Manfredo Nunes Roque, Raúl Marques Abrantes, D. Maurícia da Conceição Castro, Luís Fernandes Gomes, António Soares de Almeida Roque, e Joaquim da Silva Monteiro uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regula pelas condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação *Sibave — Sociedade Industrial de Barro Vermelho, Limitada*, com sede na cidade de Aveiro.

2.º

O seu objecto consiste em promover o incremento da indústria de cerâmica de barro vermelho, através da normalização dos produtos, uniformização da sua qualidade e dos preços, e da aplicação de novos processos técnicos, além da colocação no estrangeiro dos produtos fabricados pelas empresas suas associadas, distribuindo entre elas as encomendas que tenham angariado, sendo, porém, todas as vendas de conta e risco das mesmas empresas. Outrossim poderá a sociedade quando a Assembleia Geral assim o delibere por unanimidade, proceder de igual modo relativamente à colocação daqueles mesmos produtos no mercado interno.

§ 1.º — Toda a correspondência referente às ditas encomendas, bem como a remessa das facturas para os compradores e demais documentação concernente às exportações realizadas pelas empesas associadas, fica a cargo da sociedade.

§ 2.º — A sociedade obriga-se para com as suas associadas a fornecer-lhe todas as informações respeitantes à situação dos mercados externo e interno dos produtos que as mesmas fabricam.

§ 3.º — Em defesa da sua reputação e da própria indústria, compete à sociedade fiscalizar a qualidade dos produtos a exportar, podendo rejeitá-los quando não satisfaçam as especificações prèviamente estabelecidas.

§ 4.º — Para fazer face às despesas inerentes ao desempenho dos serviços indicados nos parágrafos anteriores e da sua própria organização, a sociedade cobrará das empresas associadas a percentagem que for estabelecida em Assembleia Geral dos sócios, tomando por base o valor dos produtos exportados ou vendidos por seu intermédio.

3.º

Os sócios obrigam-se a exportar os seus produtos sòmente por intermédio da sociedade, sob pena de a indemnizar por perdas e danos resultantes da falta de cumprimento desta obrigação.

4.º

A sociedade em caso de necessidade e com vista a assegurar a exportação poderá estabelecer quotas de rateio pelos sócios de produtos a exportar, as quais não poderão ser superiores a vinte por cento da sua produção normal.

§ único — O sócio que não satisfizer a quota de rateio que lhe for atribuída indemnizará a sociedade por perdas e danos.

5.º

O capital social é de 157 500$00, já integralmente realizado e corresponde à soma das quotas dos sócios que são de 7 500$00 cada uma à excepção das das Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos e de António Soares de Almeida Roque, que são de 15 000$00 cada.

6.º

A administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele competem a um conselho de gerência composto de três membros eleitos de dois em dois anos pela Assembleia Geral dos sócios.

§ 1.º — As vagas que ocorrerem serão providas por eleição a realizar pela Assembleia Geral extraordinária.

§ 2.º — O conselho de gerência poderá constituir mandatários com os poderes que julgue convenientes ao bom funcionamento da actividade social.

§ 3.º — As decisões do conselho de gerência serão sempre tomadas por maioria. Quando esta maioria se não consiga, será o objecto das decisões a tomar submetido à Assembleia Geral dos sócios, impondo-se a deliberação ao próprio conselho, que terá de executá-la.

§ 4.º — Até à primeira Assembleia Geral, a realizar dentro de trinta dias, fica nomeado o seguinte conselho de gerência: Cerâmica de Vagos, Limitada, representada por Dr. Henrique de Albuquerque Souto, Cerâmica Aveirense, Limitada, representada por João Evangelista de Campos, e Joaquim da Silva Monteiro.

7.º

A sociedade fica obrigada pela assinatura conjunta de dois membros do conselho ou pela assinatura de quem tenha mandato do mesmo conselho com os poderes necesários para tanto.

8.º

Não é permitida a cessão de quota a pessoas que não sejam industriais de cerâmica de barro vermelho.

9.º

A Assembleia Geral ordinária reunirá até 31 de de Março de cada ano para aprovação do relatório, balanço e contas, e as extraordinárias quando requeridas pelo conselho de gerência ou pelo mínimo de cinco associados, indicando-se os motivos da convocação.

10.º

As Assembleias Gerais, quando a Lei não exija outra formalidade, são convocadas por carta registada dirigida aos sócios, com antecedência mínima de cinco dias, podendo qualquer sócio fazer-se representar por outro sócio desde que dessa representação dê conhecimento por escrito ao presidente.

Murtosa, dezanove de Dezembro de mil novecentos sessenta e quatro.

Está conforme.

O Ajudante do Cartório,
João Pinto

Litoral ★ N.º 531 ★ Aveiro, 9-1-1965

Café e Mercearia

Trespassa-se na Costa do Valado.
Tratar com Humberto Vieira Génio, no mesmo local.

Esteno-Dactilografa

Correspondente
Português - Francês
Curso Geral dos Liceus
Oferece-se para lugar compatível
Resposta a esta Redacção

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se saber que no dia 4 de Fevereiro próximo, pelas 11 horas, no Palácio da Justiça desta comarca de Aveiro, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, dos direitos abaixo indicados, penhorados nos autos de Execução de Sentença que pela 2.ª Secção do 1.º Juízo desta comarca o exequente António Ramos Bartolomeu, casado, empregado de escritório, do lugar de Bonsucesso da freguesia de Aradas move contra os executados Silvério da Costa Ramos e mulher Celeste de Jesus Barbosa e Pompeu da Costa Ramos, solteiro, maior, ausentes em parte incerta da França, com o último domicílio conhecido no lugar de Mataduços da freguesia de Esgueira, com excepção daquela Celeste de Jesus Barbosa, que é moradora no dito lugar de Mataduços, direitos esses que vão pela 1.ª vez à praça para serem arrematados pelo maior preço oferecido acima do valor indicado.

DIREITOS A ARREMATAR

1.º

O direito e acção a uma quinta parte de um terreno sito no Bragal, freguesia de Aradas, pertença do executado Silvério e mulher, inscrito na respectiva matriz sob o direito indiviso a um quinto do artigo 1 541 e que faz parte do prédio descrito na Conservatoria do Registo Predial desta cidade sob o número 21 605 a folhas 65 do Livro B. 59, que vai à praça por 810$00.

2.º

O direito e acção a uma quinta parte de um terreno sito no Bragal, terreno esse que é o mesmo do anterior direito e que é pertença do executado Pompeu já referido e que vai à praça por 810$00.

Por este meio são notificados os referidos Silvério da Costa Ramos e Pompeu da Costa Ramos, na qualidade de comproprietários, do dia e hora designados para a arrematação, os quais poderão usar do direito de preferência no acto da praça.

Aveiro, 6 de Janeiro de 1965.

O Escrivão de Direito,
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Villa Nova

Litoral ★ Ano XI ★ N.º 531 ★ 9-1-1965

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

sobretudo porque se esperava melhor comportamento do último reduto dos marinhenses, dos menos batidos entre todos os concorrentes.

Mercê de triunfo deveras oportuno, o Feirense subiu uns furos na tabela, ao passo que o Espinho, tangencialmente derrotado em Oliveira de Azeméis, baixou à penúltima posição — um lugar bastante ingrato e nada desejável...

Vê-se, em exame sumário que se queira fazer ao mapa classificativo, que sòmente o Vila Real parece condenado a não sair do seu posto; todos os restantes se encontram intervalos por diminutas diferenças pontuais, o que, sem dúvida, é motivo de interesse para as subsequentes jornadas — podendo mesmo dizer-se que há autênticas finais em todos os dias do campeonato...

A comprovar o que dizemos, o exemplo da jornada de amanhã, com partidas de palpitante expectativa e grande *suspense* marcadas para Leça da Palmeira, Marinha Grande, S. João da Madeira, Lamas e Espinho! Vejamos qual o programa:

VILA REAL — PENICHE
LEÇA — BEIRA-MAR
SANJOANENSE — COVILHÃ
LAMAS — FEIRENSE
FAMALICÃO — OLIVEIRENSE
ESPINHO — BOAVISTA
MARINHENSE — SALGUEIROS

Beira-Mar - Sanjoanense

José Manuel que levou a bola a embater na barra! Ganharam, òbviamente e inquestionàvelmente, com pleno mérito, com verdadeira justiça.

A metade inicial fora menos brilhante; pode dizer-se mesmo que o nível do jogo apenas raiou o sofrível, actuando qualquer das equipas em ritmo algo lento, temendo-se mùtuamente, e, por isso, acautelando-se na defesa. A Sanjoanense, que teve vantagem a meio-campo, logrou períodos de domínio, por vezes acentuado, beneficiando do facto de Pinho tardar a encontra-se, acusando a sua forçada e prolongada ausência da equipa.

Realmente, os forasteiros tentaram o ataque mais vezes e com maior agressividade, pondo à prova a segurança e o bom momento de Adelino, já que o Beira-Mar actuava quebrado no seu todo, com um ataque desgarrado (por falta de apoio dos médios) e com uma defesa permeável e um tanto perturbada — pelas razões já expostas.

O jogo, sempre animoso e viril, foi rijamente disputado — nalguns lances com rudeza em excesso, principalmente dos defesas laterais sanjoanenses; mas o árbitro procurou e conseguiu reprimir a violência, segurando os jogadores.

No Beira-Mar, Adelino deu confiança à equipa, actuando com segurança e brilhantismo. Liberal voltou a ser sólido esteio da defesa, em que os laterais cumpriram. Nos médios, Brandão esteve pouco feliz, embora fosse activo; e Pinho só na segunda parte satisfez. À frente, Miguel actuou dentro do seu habitual e Diego só na segunda metade produziu trabalho digno de nota. Gaio e José Manuel, mesmo muito vigiados, foram sempre perigosos e incisivos, jàmais renunciando à luta, pelo que mereceram ambos boa nota. Finalmente, de Fernando, diremos que subiu, em relação aos últimos jogos, e que foi o grande impulsionador da arrancada que levou a sua turma ao triunfo: foi o autêntico «motor» dos beiramarenses, depois do intervalo, impulsionando muito bem o ataque.

Na Sanjoanense, ressaltaram as figuras do brasileiro Índio, o melhor dianteiro, enquanto teve fôlego, e do guarda-redes Pimenta, que defendeu muito e bem, com um punhado de excelentes intervenções. Mas igualmente se notabilizaram o atlético *stopper* argentino Gonzalez, Jambane e Macedo, não desmerecendo os restantes componentes da equipa — que em Aveiro demonstrou serem justificadas as suas aspirações a voos mais altos...

O juiz de campo lisboeta actuou com imparcialidade e impôs a sua autoridade na repressão do jogo violento que certos futebolistas intentavam praticar. Um senão, sòmente: deixou em claro, na grande área, uma carga às margens das leis cometida sobre Diego...

Remates... GOLO!

1-0 Aos 67 minutos Diego abriu a contagem. José Manuel, do lado direito marcou um canto curto para Gaio que centrou sem porda de tempo. **Diego** antecipou-se muito bem a Pimenta, e cabeceou a bola na altura em que este saía da baliza.

2-0 Aos 76 minutos, Brandão marcou rasteiro um livre de fora da área, fazendo cruzar a bola em frente desta. Diego e Gaio falharam a sua interpretação, e foi **José Manuel** que em corrida, no momento em que Pimenta se lançava para a bola, rematou o segundo e último tento da partida.

Jogos entre Populares

Nos últimos domingos de Dezembro findo, o Clube Desportivo de Aveiro efectuou dois encontros amistosos, o primeiro nesta cidade, defrontando a União Desportiva de Bustos, que venceu por 2-1, e o segundo em Vila Nova de Gaia, contra o Gaia Futebol Clube, que triunfou por 3-2.

Nas duas partidas, os aveirenses alinharam com a seguinte formação:

Rosas; Armando I, Alberto e Armando II; Samarrão e Albino; Fausto, Jorge, Jaime, Lino e Alexandre.

Sumária DISTRITAL

I Divisão

Resultados da 15.ª jornada

Lusitânia - Alba	2-1
Esmoriz - Paços de Brandão	1-3
Ovarense - Cesarense	4-0
Recreio - Anadia	3-1
Estarreja - Valecambrense	1-3
Arrifanense - S. João de Ver	1-0
Cucujães - Bustelo	1-0

Reservas

Resultados da 9.ª jornada

Oliveirense - Espinho	3-1
Lamas - Feirense	2-1
Cucujães - Ovarense	3 2

Juniores

Resultados da 14.ª jornada:

Série A

Anadia - Sanjoanense-B	11-0
Vista-Alegre - Estarreja	3-1
Alba - Espinho	2-0
Recreio - Beira-Mar	1-1
Mealhada - Ovarense	3-2

Série B

Cucujães - S. João de Ver	5-0
Feirense - Cesarense	3-0
P. de Brandão - Oliveirense	1-2
Valecambren. Arrifanense	0 2
Sanjoanense-A - Bustelo	2-1

Principiantes

Resultados da 9.ª jornada

Série A

Beira-Mar - Anadia	0-0
Mealhada - Recreio	1-3
Estarreja - Alba	1-4

Série B

Valecambrense - Espinho	1-1
Bustelo - Lamas	1-2
Sanjoanense - Oliveirense	1-1
Feirense - Cucujães	0-0

Basquetebol

JUNIORES & INFANTIS

Na sexta jornada destas competições, realizada no último domingo, os desafios concluiram com estes resultados:

JUNIORES

Amoniaco — Esgueira, 30-27
Galitos — Sangalhos, 39-22

INFANTIS

Galitos — Sangalhos, 38-14
Asilo — Illiabum, 6-41
Amoniaco — Esgueira, 27-21
Sanjoanense—Juventude, 10-22

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 19 DO TOTOBOLA

17 de Janeiro de 1965

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Académica — C. U. F.	1		
2	Braga — Leixões	1		
3	Belenenses — Sporting	1		
4	Porto — Guimarães	1		
5	Espinho — Marinhense	1		
6	Lamas — Oliveirense	1		
7	Leça — Covilhã	1		
8	Vila Real — Beira-Mar			2
9	Peniche — Salgueiros	1		
10	Beja — Oriental	1		
11	Portimonense - Farense	1		
12	Sintrense — Barreirense	1		
13	Luso — Montijo	1		

Cão-Perdigueiro

Achou-se. Nesta Redacção se informa.

O 42.º Aniversário do Beira-Mar

vistas) do Beira-Mar e do Belenenses. O encontro, por acordo entre os contendores (ambos com jogos oficiais de responsabilidade dois dias depois), durou apenas 70 minutos — que decorreram com constantes motivos de interesse e agrado.

O Beira-Mar esteve mais vezes perto do triufo (e bastará que se recorde que o defesa Rosendo, em três lances, evitou que a bola transpusesse a linha de golo, mesmo sobre o risco e com o seu keeper *ultrapassado). Mas o Belenenses, num cômputo geral, terá usufruido de certo ascendente territorial — pelo que o empate pode considerar-se aceitável.*

Sob direcção do sr. José Porfírio, coadjuvado pelos srs. Carlos Neiva (bancada) e Manuel Valente (peão), os grupos utilizaram o concurso destes elementos:

BEIRA-MAR — Adelino (Vitor); Girão (Juliano), Liberal e Evaristo; Brandão (Amílcar) e Pinho; Miguel, Garcia, Gaio, Fernando (Carlos Alberto) e Correia.

BELENENSES — Gomes; Rosendo (Cardoso), Carneira e Alberto Luís (Rosendo); Vicente (Abdul) e Virgílio (Ribeiro); Neto (Adelino), Alfredo (Esteves), Ribeiro (Lira), Palico (Alfredo) e Godinho (Neto).

No intervalo entre os dois desafios, foi prestada merecida homenagem aos sócios fundadores do Beira-Mar, chamados ao rectângulo de jogo, entre alas formadas pelos futebolistas que actuaram no festival.

Foram entregues emblemas de ouro aos oito prestigiosos beiramarenses ainda vivos — srs. João da Cruz Moreira, José de Pinho Nascimento, Primo da Naia Pacheco, António Pinho das Neves, Firmino da Naia, Francisco Passos da Cruz, Francisco Nunes da Maia e António Gonçalves Andias; e guardara-se alguns instantes de silêncio, em memória dos quatro fundadores do Beira-Mar já desaparecidos — Luís dos Santos Gamelas, José Bento da Loura, João da Rosa Lima e João Salvador da Maia.

A operosa e activa Tertúlia Beiramarense, promotora do festival, entregou lembranças regionais (bacalhaus e barricas de ovos-moles) aos futebolistas visitantes e miniaturas dos nossos típicos barcos moliceiros ao F. C. do Porto e ao Belenenses, assinalando a sua presença em Aveiro, naquela festiva data.

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se saber que, no dia 28 de Janeiro próximo, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta Comarca, sito no Palácio da Justiça, vai pela primeira vez à praça, para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima do valor que adiante se indica, o imóvel abaixo identificado, penhorado à firma Manuel dos Santos Furão & C.a L.da, sociedade comercial, com sede em Ilhavo, nos autos de execução ordinária que pela 1.ª Secção do 1.º Juízo desta mesma Comarca lhe movem Nazaré de Jesus Imaginário, viúva, proprietária e outros, residentes no lugar de Cale da Vila, freguesia da Gafanha da Nazaré, também desta Comarca.

Imóvel a arrematar

Prédio sito no Muro Gordo, freguesia e concelho de Ilhavo, que se compõe, no seu conjunto, de um armazém para peixe verde e seco, outro armazém para peixe verde, um armazém para peixe em movimento, um edifício destinado a oficina, um escritório, um refeitório, um telheiro para lavagem de peixe e terreno destinado a seca de bacalhau, que é atravessado em parte pelo canal e caminho público e no seu todo confronta do norte com estrada pública e canal, sul com caminho público e José Balseiro, nascente com António Nina e João Pericão e poente com a Ria, inscrito na matriz urbana sob o art.º 3162 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 43280, a fls. 129, do livro B 113, que vai à praça no valor de 540 000$00 (quinhentos e quarenta mil escudos).

Aveiro, 19 de Dezembro de 1964

O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Vila Nova

O Escrivão de Direito,
Joaquim Mendes Macedo de Loureiro

Litoral ★ Ano XI ★ 9-1-965 ★ N.º 531

Ladeando o estandarte do Beira-Mar, os sócios fundadores do Clube homenageados no dia de Ano Novo, juntamente com os componentes do actual grupo de honra dos negro-amarelos

42 ANOS completou o BEIRA-MAR

Na penúltima sexta-feira, 1 de Janeiro, encerrou-se o ciclo de festivas realizações integradas na comemoração do quadragésimo segundo aniversário do prestigioso Sport Clube Beira-Mar, que naquela precisa data completava 42 anos de intensa e operosa vida, no Desporto Regional e Nacional.

Como estava programado, de manhã, efectuou-se, pelas 10 horas, a inauguração da sala de recepções da Sede, onde também se procedeu ao descerramento das fotografias de todos os sócios fundadores do Clube. Usou da palavra, aludindo àquelas cerimónias, o sr. Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, Presidente do Conselho Geral do Beira-Mar. Em seguida, realizou-se uma sentida romagem aos cemitérios, em preito de saudade para com os sócios, dirigentes e atletas falecidos.

De tarde, no Estádio de Mário Duarte, houve um interessante e agradabilíssimo festival desportivo, embora o mau tempo tenha ofuscado o seu brilhantismo total e prejudicado notàvelmente a afluência dos espectadores.

— A abrir, jogaram os grupos de juniores do Beira-Mar e do Futebol Clube do Porto. Os azuis-e-brancos, aureolados com o merecido título de campeões nacionais e com o prestígio de equipa bastante realizadora, encontraram imensas dificuldades para ganhar, por um golo solitário, após partida muito disputada, e valorizada pela boa réplica dos negro-amarelos.

Sob arbitragem do sr. Manuel Soares, auxiliado pelos srs. Manuel Gonçalves (bancada) e Rui Paula (peão), os grupos formaram assim:

BEIRA-MAR — Teixeira; Toni, Loura e Albano; Freitas e Costa; Matias, Pimenta (Duarte), Neves, João Domingos e Limas.

F. C. PORTO — Sousa; Toni, Belo e Almeida (Sá); Piruta e Alberto; Vítor (Lázaro), Miranda, Arlindo, Ernesto e Lázaro (Rendeiro).

O único golo do prélio foi marcado por Rendeiro *— aos 5 m. da segunda parte —, no seguimento de um corner.*

— Por último, jogaram as equipas principais (com alguns reser-

Continua na página 7

NOVO DELEGADO EM AVEIRO DA DIRECÇÃO GERAL DOS DESPORTOS

Foi há poucos dias nomeado Delegado em Aveiro da Direcção Geral dos Desportos o sr. Eng.º João de Oliveira Barrosa, que sucederá, no desempenho daquelas importantes funções, aos srs. drs. Alberto Resende Martins e Manuel Grangeia.

Antigo e distinto aluno do Liceu da nossa cidade, o sr. Eng.º João de Oliveira Barrosa ocupa, com muita competência e notável proficiência, a cargo de Director do Porto de Aveiro.

Cumprimentamos o novo Delegado da Direcção Geral dos Desportos no Distrito de Aveiro, a quem auguramos uma feliz gerência das *coisas* desportivas na nossa vasta região, toda ela um amplo e eclético estádio. Do espírito aberto e do dinomismo do sr. Eng.º João de Oliveira Barrosa — a quem o LITORAL oferece a sua melhor e mais leal colaboração —, muito há a esperar, sem dúvida, para engrandecimento e prestígio do Desporto Aveirense.

Campeonato Nacional da II Divisão

Secção dirigida por António Leopoldo

NO 12.º DIA

Salgueiros, 2 . . Vila Real, 0
Peniche, 1 . . . . Leça, 1
Beira-Mar, 2 . Sanjoanense, 0
Covilhã, 6 . . . . Lamas, 0
Feirense, 2 . . . Famalicão, 0
Oliveirense, 1 . . . Espinho, 0
Boavista, 3 . . Marinhense, 0

TABELA DE PONTOS

Equipas	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	12	7	4	1	25-11	18
Salgueiros	12	5	6	1	16-6	16
Leça	12	6	3	3	25-14	15
Covilhã	12	6	2	4	26-15	14
Sanjoanense	12	5	4	3	16-10	14
Marinhense	12	5	4	3	11-12	14
Peniche	12	5	3	4	18-17	13
Oliveirense	12	5	2	5	17-15	12
Famalicão	12	4	4	4	12-15	12
Boavista	12	4	3	5	15-15	11
Feirense	12	3	4	5	17-22	10
Lamas	12	2	5	5	11-23	9
Espinho	12	3	2	7	17-20	8
Vila Real	12	0	2	10	9-38	2

Na primeira jornada do Nacional da II Divisão (penúltima da primeira volta da prova) disputada em 1965, a equipa do Leça foi vedeta, arrancando um empate precioso em Peniche. Os leceiros, com formação jovem e muito aguerrida, firmaram-se no terceiro posto, sem companhia de qualquer outro grupo. A turma (cujo ataque se tem mostrado bastante realizador — com 25 golos, tal como o Beira-Mar, apenas é ultrapassado pelo Covilhã, que conta com 26...) fez, no domingo, um único tento, que lhe valeu a já referida igualdade ante os penichenses. Curioso é o facto de nenhum outro visitante ter goleado...

Com efeito, os restantes seis grupos que se deslocaram retiraram com «zeros» dos recintos dos seus adversários...

Na partida de maior interesse e expectativa, o Beira-Mar impôs-se à Sanjoanense, continuando firme no posto cimeiro e ganhando avanço a quase todos os seus perseguidores mais directos. Destes, apenas o Salgueiros manteve a anterior distância do *leader*, por vencer o «lanterna-vermelha»; os salgueiristas, que não perdem há dez jornadas (como sucede, também, com os beiramarenses), ficaram isolados na segunda posição...

Os covilhanenses, com goleada *record* no seu prélio com o União de Lamas (6-0), notabilizaram-se e são, de momento, a equipa com maior número de golos marcados. Os serranos ascenderam ao quarto lugar, de parceria com a Sanjoanense e o Marinhense.

O êxito do Boavista surpreendeu, quanto à expressão numérica,

Continua na página 7

Basquetebol

Começa hoje o Campeonato Nacional da I Divisão

O Campeonato Nacional da I Divisão, fase metropolitana, principia esta noite, na Zona Norte, a que concorrem oito equipas: três da Associação de Basquetebol do Porto (F. C. do Porto, Vasco da Gama e Guifões); duas da Associação de Basquetebol de Aveiro (Illiabum e Sanjoanense) e da Associação de Basquetebol de Coimbra (Académica e Naval 1.º de Maio); e uma da Associação de Basquetebol de Leiria (Sporting Marinhense).

Notam-se, em relação à época finda, as ausências dos grupos do Centro Universitário, do Sangalhos e do Galitos, que cederam os seus lugaras ao Guifões, Illiabum e Sanjoanense.

A jornada de abertura, com jogos marcados para as 21.30 horas, indica o seguinte programa:

Illiabum — Guifões
Sanjoanense — Naval
Porto — Marinhense
Vasco da Gama — Académica

Campeonatos de Aveiro

I DIVISAO

— Ainda em relação ao recente Campeonato Distrital da I Divisão, a Associação de Basquetebol de Aveiro deu a conhecer agora as classificações do Torneio Individual de Lance-Livre e da Taça Disciplina, em que se apuraram estes desfechos:

Torneio de Lance-Livre — 1.º António Rosa Novo (Illiabum), 48-31, 64,5 %; 2.º — Arlindo Silva (Amoniaco), 49-27, 55,1 %; 3.º — Manuel Pinho (Sanjoanense), 75-43, 54,6 %; 4.º — Alberto Santos (Sangalhos), 22-12, 54, %; 5.º — Vitor Ferreira (Galitos), 48-24, 50 %.

Taça Disciplina — 1.º — Clube do Povo de Esgueira, 3 pontos; 2.º — Illiabum Clube, 5 pontos.

— Também ainda como rescaldo do desafio de desempate Galitos-Sanjoanense, da aludida prova, a Associação de Basquetebol de Aveiro puniu os jogadores do Galitos José Fino e João Carvalho, respectivamente com suspensões por seis meses e sessenta dias.

Continua na página 7

Beira-Mar, 2 — Sanjoanense, 0

ficha do jogo

Estádio de Mário Duarte.

Árbitro — Rogério de Melo Paiva, da Comissão Distrital de Lisboa.

Beira-Mar — *Adelino; Girão, Liberal e Evaristo; Brandão e Pinho; Miguel, Diego, Gaio, Fernando e José Manuel.*

Sanjoanense — *Pimenta; Vitor, Gonzalez e Almeida; Jambane e Álvaro Alexandre; Orlando, Vasco, Índio, Macedo e Córó.*

COMPREENDE-SE perfeitamente a enchente que se registou em Aveiro, no domingo passado. Tradicionalmente, o «derby» Beira-Mar Sanjoanense é um dos *pratos-fortes* do futebol regional; mas, para além dessa circunstância, deve referir-se que a posição que aveirenses e sanjoanenses ocupavam na tabela de pontos (primeiro e terceiro, respectivamente) era um outro aliciante a conceder enorme interesse ao embate entre os velhos rivais.

Havia, ainda a curiosidade de ver-se até que ponto a turma de S. João da Madeira podia manter a sua credencial de imbatível fora do seu ambiente, uma vez que se deslocava exactamente ao campo da única equipa cem por cento triunfadora no seu recinto.

Veio a Aveiro, como se esperava enorme e entusiástica falange de adeptos da Sanjoanense, apoiando os seus atletas e travando óptimo despique com a não menos vibrante claque do Beira-Mar. O jogo prometia ser um belo, um agradável espectáculo.

★

Todavia, apenas a segunda parte do encontro correspondeu ao clima de emoção e *suspense* que se criaram em torno do desafio, exactamente quando se viu uma equipa (a do Beira-Mar) jogar futebol e dominar o adversário, então sem força e sem «bagagem» para se opor às suas investidas.

Os auri-negros, de facto, forçaram a ofensiva no segundo tempo, mercê de bom impulso de Fernando, a orientar o ataque, e da notória subida de Pinho, que se mostrara pouco afoito e inadaptado, até o descanso. Fizeram dois golos, viram um outro invalidado (e bem, por ter sido marcado directamente, num livre que era indirecto...) e tiveram ainda, a dois minutos do termo da partida, um «fogacho» de

Continua na página 7

Um golo que não valeu, no último desafio Beira-Mar — Sanjoanense. Impelida por Fernando, num livre indirecto, a bola entrou directamente na baliza de Pimenta. Òbviamente, tal golo não valeu...

No Clube Desportivo de Estarreja, uma simpática colectividade do nosso Distrito, que ùltimamente se vem distinguindo pelo carinho com que se dedica ao ciclismo e ao atletismo, alinha, nesta modalidade, um jovem e esperançoso pedestrianista, que conta só 17 anos e tem obtido excelente comportamento nas provas (de aspirantes) em que participa.

Trata-se de MÁRIO SIMÕES CORDEIRO, um caciense que ainda há dias, como noticiámos, alcançou o sétimo lugar no Campeonato Nacional de Corta-Mato, realizado no Montijo, e que foi pré-seleccionado para uma equipa portuguesa que, em data a designar, deve apresentar-se em Espanha.

Com uma palavra de parabéns e de incitamento, trazemos hoje Mário Cordeiro a esta nossa «Galeria de Campeões».